



WWW.ALGARVEVIVO.PT

PORTIMÃO
Matias Damásio
na abertura da 30ª edição
do Festival da Sardinha



ALGARVEVIVO

ANO XX • Nº118 • JUN E JUL 2026 • 1€
DIRETOR RUI PIRES SANTOS . BIMESTRAL

ABELHA D'ARTE É PROJETO DE DANIEL CORREIA

Mel com sabor e arte



LAGOA
Mercado de Culturas
anima cidade

LAGOS
Um milhão de euros
para a cultura

DESPORTO
'Algarviana Ultra Trail'
desafia corajoso

REPORTAGEM



O mundo maravilhoso das abelhas

●●● HÉLIO NASCIMENTO

Daniel ainda era miúdo quando sentiu a necessidade de se preocupar com a natureza e com os seus elementos, em especial as abelhas. “Desde criança que sempre gostei muito da natureza e lembro-me de acompanhar o meu avô, que plantava ervilhas e favas, e ficar a observar as abelhas. Achava tudo isso muito interessante e a verdade é que a partir daí a sementinha começou a germinar”, conta o próprio, Daniel Ricardo Correia, hoje um apicultor de corpo inteiro, que tem 43 anos, nasceu em Portimão e vive na Bela Vista, concelho de Lagoa.

Já adolescente foi para a Áustria, “para descobrir outras

o facto de o campus da universidade ter um apiário, mais as frequentes tertúlias no jardim botânico, ajudaram a desenvolver a paixão. “Quando voltei, há dez anos, a primeira coisa que fiz foi comprar um terreno em Vila do Bispo e uma colmeia”.

Foi nessa altura que a aventura arrancou a sério. Antes de ter carro, Daniel chegou a ir de bicicleta de Lagoa e da Bela Vista para a Vila do Bispo. “Fazia o meu trabalho com as abelhas e acampava por lá dois ou três dias, voltando depois a casa”, dando asas ao tal interesse profundo e sentido desde pequeno e ao “gosto imenso” pela atividade, algo que ia crescendo cada vez mais. “As pessoas incentivavam-me, diziam para continuar e para aumentar o efetivo de abelhas”.

Após algum receio em arris-

“As abelhas são o pilar da vida do nosso planeta. Através da polinização, uma enorme percentagem da alimentação depende delas, caso dos vegetais e das frutas”

coisas”, e por lá estudou e trabalhou, na cidade de Graz. “Durante esse tempo comecei a conviver com colegas que eram aprendizes de apicultores, digamos assim, pois faziam-no como hobby, com colmeias em jardins urbanos”. As conversas e

car, inclusive porque o regresso ao nosso país era recente e o conhecimento na matéria não era assim tão profundo, Daniel decidiu mesmo avançar e comprou mais duas colmeias, instalando-as também em Vila do Bispo. “De início não conhecia muitas

FOTOS: D.R.



peças do ramo, mas depois comecei a interagir com algumas, proprietárias de quintas e terrenos. Retirei então as colmeias para mais perto de casa, para o Sargaçal, e ficaram aí cerca de dois anos, numa quinta biológica". O passo seguinte não tardou, rumo a uma quinta grande em Barão de São João, o local propício para crescer, dentro da natureza e sem fonte de contaminação.

Colmeias com fins educativos

"Quando fui para Barão de São João ainda mantive Sargaçal algum tempo, mas depois saí desse terreno por questões logísticas. Continuei a expandir o projeto, aluguei um terreno em Marmeleira, no Zebro, e tive também lá abelhas", prossegue o apicultor, que, atualmente tem colmeias em Barão de São João (para fins educativos), em Burgau, Bensafrim (uma delas modelo único em Portugal), em Sagres e na Carrapateira, todas elas em parcerias, que se foram desenvolvendo.

Os 'fins educativos' comportam dois objetivos. O primeiro consiste nas visitas guiadas para explicar o mundo das abelhas, uma espécie de tour, para



lógicas para uma empresa certificada. "Esse mel é sagrado, não o tiro, é para as abelhas. Quanto mais, retiro o excedente e ponho noutras colmeias que preci-

cento das culturas alimentares globais e a manutenção da biodiversidade.

O apicultor não revela quantas colmeias tem ao certo, e, com um sorriso enigmático, adianta possuir "um número que creio ser sustentável, garantindo a qualidade do meu trabalho e dos produtos finais, ou seja, um número suficiente".

A propósito, quicá em termos mais técnicos, explica que "com o aproximar do Verão a população de abelhas vai diminuindo, enquanto na Primavera é bem maior", ou não andassem as abelhas e as flores de mãos dadas e em perfeita simbiose. "É nesse período que há excedente, mas eu faço a cresta (o ato de colher o mel e a cera das colmeias) mais tarde que a maior parte dos apicultores, no fim do Verão. Fico com menos quantidade, mas sempre foi esse o meu princípio", sublinha

Daniel, juntando uma frase lapidar: "Sou aprendiz das abelhas e tenho respeito pela natureza. As pessoas que me compram os produtos valorizam isso".

Fabrico de velas e valorização do produto

'Abelha d'Arte' é a marca registada da empresa de Daniel, uma denominação relativamente recente. O projeto começou há dez anos, mas só a partir de 2019, altura em que ganhou força e se consolidou, que surgiu então a marca. Mais ou menos nessa altura, aliás, foi quando despontou a ideia de avançar com o fabrico e venda de velas. "Aprendi a fazer velas na Áustria e fui depois sendo incentivado a desenvolver aquilo que, ao fim e ao cabo, é a valorização do produto".

O apicultor explica que não existe tendência para aproveitar a cera das abelhas, e que, normalmente, face à qualidade,

Atualmente, Daniel tem colmeias em Barão de São João (para fins educativos), em Burgau, Bensafrim (uma delas modelo único em Portugal), em Sagres e na Carrapateira

peças de todas as idades, sobretudo famílias, com as crianças sempre muito ligadas ao assunto, sendo este um "tema que interessa a todas as faixas etárias". O segundo objetivo é a polinização que é lá feita, com reprodução das sementes bio-

sam de alimento", explica Daniel.

Para os menos entendidos, a polinização pelas abelhas é o transporte de pólen entre flores da mesma espécie, o que permite a sua fertilização, um processo natural que garante a reprodução de cerca de 75 por

a melhor é laminada para voltar a ser colocada nas colmeias, como é o seu caso, que reutiliza essa mesma cera, enquanto as 'mais velhas' podem ser vendidas para capitânias, indústria e

Ou, se existe, não conheço. Esses cursos, a meu ver, representam pouco, é preferível falar com pessoas mais experientes, perto da reforma, e é com esses que tenho aprendido. É melhor

"NÃO QUERO DEPENDER DE NINGUÉM"

O mundo das abelhas, naturalmente, é o sustento e ganha pão de Daniel, que vende os seus produtos a diversos tipos de clientes, para feiras, quintas, parcerias, lojas e pessoas diretamente. Em breve, entre 2 e 5 de julho, irá estar no 'Mercado de Culturas... à Luz das Velas', em Lagoa. A sua atividade restringe-se à zona do Algarve, atendendo, segundo o que diz, ao "princípio da sustentabilidade", preferindo limitar o negócio. "É a minha vida, a profissão a que me dedico cem por cento, embora, de vez em quando, possa fazer outros trabalhos para compensar", mas sempre pronto a manter a qualidade do projeto em que é o único rosto, visto que trabalha sozinho. "Não quero perder créditos nem depender de ninguém. Do Estado, aliás, o apoio é zero. Os apicultores são dos poucos profissionais do ramo da agricultura que nada recebem", assinala.

"Temos de respeitar o comportamento e o espaço das abelhas, um dos aspetos que torna a minha profissão tão gratificante. Observar, respeitar e tentar trabalhar com elas"

escolas para trabalhos manuais.

Como sempre, Daniel aposta na valorização da sua atividade, sustentando que as abelhas não são só sinónimo de mel. "São o pilar da vida do nosso planeta. Através da polinização, uma enorme percentagem da alimentação depende das abelhas", caso flagrante dos vegetais e das frutas.

Ao longo dos anos o agora também empresário estudou e foi adquirindo conhecimento, adaptando-se, evoluindo e aprendendo com os erros. "Fui fazendo alguns cursos, mas em Portugal não existe currículo.

ouvi-las em vez de ir aos manuais", sublinha.

Ainda a respeito do que se passa no nosso país, uma referência para alguns dados divulgados nos últimos tempos, quicá há um ano e meio, que apontam para que a maior concentração de colmeias nacionais se encontra, precisamente, no Algarve. Os apicultores da região são, pois, numerosos e dedicados.

"Como se falassem connosco"

De tema em tema, a agradável conversa chega a uma parte mais... dolorosa, quando questionamos Daniel sobre as pica-

das de uma abelha. "Se doem mais ou menos, depende do sítio. No nariz, por exemplo, dói imenso", atira, com um sorriso franco.

O apicultor, aliás, nem sempre usa luvas, dependendo a sua utilização do trabalho em curso. "Temos de respeitar o comportamento e o espaço das abelhas, um dos aspetos que torna a minha profissão tão gratificante. Observar, respeitar e tentar trabalhar com elas. Veja os outros animais, como os gatos, que reagem de modos diferentes quando lhes fazemos festas. As abelhas também reagem a diversas situações, à diferença de cheiro, por exemplo, com zumbidos, vibrações e até a mo-

vimentação, como se falassem connosco. Há circunstâncias, claro, em que a proteção para o rosto e o fato especial são essenciais" explica.

O trabalho de Daniel, fora das colmeias, estende-se ao estaleiro, o local onde procede à reparação do material, das caixas, limpeza da cera, o favo que tem de ser derretido, o fabrico das velas, enfim, um processo moroso neste dia a dia de um apicultor cada vez mais rendido ao que sempre quis fazer na vida. Acompanhar o avô na agricultura revelou-se um passo determinante na sua existência.

"Sim, posso dizer que é para o resto da vida, mesmo sem saber o dia de amanhã. Acredito que seja o meu futuro, ligado à natureza e à aprendizagem com este ser que para mim é especial. Sou feliz assim e tenho orgulho em poder controlar todo o processo e tê-lo na mão", desde o cuidar das abelhas à produção do mel, das velas, pólen e própolis, a resina que elas misturam e que serve para fins de construção na colmeia e prevenção de doenças.

ABELHA D'ARTE

☎ 927 185 556

📷 ABELHADARTE

